



COLEÇÃO ESTRELAS DA LITERATURA JUVENIL



MORRIS GLEITZMAN

• AUTOR MULTIPREMIADO •

Agora

Para fãs de
*O Diário
de Anne Frank*
e *O Rapaz
do Pijama
às Riscas*



Agora, finalmente.

Chegou.

Consigno vê-la na prateleira dos Correios.

Obrigada aos Correios da Austrália pelos seus simpáticos balcões de levantamento de encomendas, em vez de irem entregá-las diretamente aos avós e nos estragarem as surpresas de aniversário.

— É aquela ali — digo ao senhor que está atrás do balcão. — Aquela que tem o meu nome.

Mostro-lhe o meu caderno dos trabalhos de casa, que tem o meu nome, para provar que sou mesmo eu.

— Hum — diz o senhor. — Zelda. Bonito nome. Bastante exótico e algo incomum.

— Na verdade, é de outra pessoa — respondo-lhe. — Recebi-o em segunda mão.

— Percebo o que sentes — diz-me ele.

E aponta para o crachá com o seu nome, que diz *Elvis*.

Olhamos um para o outro com empatia. O Elvis entrega-me o embrulho postal almofadado.

— Aqui tens, Zelda em segunda mão — diz ele. — Espero que seja uma coisa boa.

— É para o meu avô — digo. — Faz 80 anos amanhã.

O Elvis resmungua qualquer coisa sobre como queria ter já 80 anos para poder reformar-se. Percebo a ideia, mas não estou a dar-lhe grande atenção. Tenho finalmente nas mãos o presente do avô Felix e mal posso esperar para lho entregar. Mal posso esperar pelo grande sorriso que vai fazer quando vir o que é.

Ups, não queria dar gritinhos de excitação dentro dos Correios.

Acalma-te, Zelda, não és um boneco de borracha.

Agradeço ao Elvis e viro-me para sair.

O meu telemóvel apita dentro da minha mochila. Já sei quem é, mesmo sem olhar. Pobre avô Felix. Fica preocupado quando eu me atraso a regressar da escola. Não está habituado a tomar conta de mim.

Respondo à mensagem dele.

vou a caminho até já

Abraço o presente contra o peito e despacho-me a sair dos Correios. Se for a correr muito e não desmaiar com este calor, e se não tropeçar nem cair em nenhum buraco, consigo estar em casa dentro de 15 minutos.

Mas não vou longe.

— Ei, baixinha — diz uma voz desagradável. — Onde é o incêndio?

Três miúdas bloqueiam-me a passagem. São mais velhas do que eu, do oitavo ou nono ano. Têm os uniformes amarrotados como se se metessem em muitas lutas e nunca os passassem a ferro.

A que tem o ar mais duro tem um crachá preso na mochila que diz *Eliminação de Pragas Carmony*.

Olha para mim como se eu fosse uma praga em pessoa.

Não sei porquê. Nunca vi estas miúdas antes.

Planos de fuga passam-me pela cabeça.

Posso trepar à torre das comunicações móveis no topo dos Correios ou posso correr para trás da loja de vídeo, atravessar a sebe e esconder-me na floresta, ou posso correr para dentro do banco e pedir um empréstimo pessoal e comprar um bilhete para África num avião que saia nos próximos dois ou três segundos.

Não, não posso.

— E então? — diz a miúda que elimina pragas. — Deves ser a doutora Zelda.

Tento perceber o que ela quer dizer. E como é que sabe o meu nome.

Passam adultos por nós, mas nem sequer olham. Será que não percebem que, quando três miúdas do nono ano estão assim à frente de uma do sexto, não se trata de um encontro social?

— Espero não estarmos a atrasar-te para nenhuma emergência médica, doutora Zelda — diz a miúda que elimina pragas.

Oh, ok. Já percebo de onde vem isto. A culpa é minha. Há alguns dias, na aula, quando eu entrei pela primeira vez, a professora, a D. Canny, pediu-me para contar aos outros sobre a minha família. E eu contei-lhes sobre os meus pais serem médicos dedicados, em África, e o meu avô ser um brilhante cirurgião reformado.

Não devia ter dito brilhante. É verdade, o avô Felix é brilhante, mas pareceu que estava a gabar-me. Devia ter dito bastante bom ou mediano.

— Vou para casa — respondo. — Não há nenhuma emergência médica.

— Há, sim — diz uma das outras miúdas. Aponta para a amiga que elimina pragas. — A Tonya precisa de cuidados médicos. Engoliu a pastilha elástica.

Sorrio para mostrar que percebi que era uma piada.

Mas elas não sorriem.

— Vá lá — diz a Tonya. — Cura-me.

Há uma data de miúdos a regressar a casa vindos da escola e que começam a parar e a olhar para nós.

— Ou isso são tudo mentiras? — pergunta a Tonya. — Sobre a tua família ter os médicos mais geniais da Austrália?

— Eu nunca disse isso — respondo.

— O meu irmão mais novo está na tua turma e diz que tu disseste — diz a Tonya. — Foi por isso que tiveste de sair da tua última escola, doutora Zelda? Por inventares histórias?

Não sei quem é o irmão dela, mas ele não tem razão. Mas tem sorte. Quem me dera também ter uma irmã mais velha. Ela poderia ajudar-me a explicar a estas três *bullies* porque tive de mudar de escola.

Há mais miúdos a juntar-se à nossa volta. A Tonya ri-se.

— A doutora Zelda é nova na cidade — diz-lhes ela. — Estamos muito entusiasmados. Ela é um génio da medicina. Consegue curar borbulhas e pessoas que fazem xixi na cama e faz transplantes de coração.

Tento afastar-me.

As amigas *bullies* da Tonya puxam-me para trás.

— Vamos com calma, baixinha — diz a Tonya. — O que levavas aí?

Agarro na encomenda almofadada com toda a força que tenho. Posso não ser a maior ou a mais forte pessoa do mundo, mas, se for para defender um presente de aniversário precioso, consigo ser bastante determinada.

— Não é da tua conta — respondo.

A Tonya toca no pacote.

— Pareces uma marrona, por isso deve ser um livro de estudo — diz ela. — Deixa-me adivinhar, *Gabarolice para Totós*.

Alguns miúdos riem-se.

— É para o meu avô — respondo. — Se o estragares, vou dizer à polícia que danificaste a propriedade de um cidadão idoso.

A Tonya fica com um ar hesitante. Devia ir-me embora enquanto posso, mas não vou.

— E também vou contar ao jornal da cidade — continuo. — Vai aparecer na primeira página, um senhor de 80 anos viu o seu presente de aniversário vandalizado. E quando eu lhes contar quem o fez, a tua fotografia também vai aparecer na primeira página.

Paro, sem fôlego. Estou a correr um risco, porque nem tenho a certeza se há algum jornal na cidade.

A Tonya olha para os miúdos em volta. Alguns parecem desconfortáveis com aquilo. Outros estão a ir embora.

— Que contadora de histórias — diz a Tonya. — Fascinante. Impressionante. Estou verdadeiramente encantada. Não, não estou.

Agarra no pacote dos Correios e arranca-o das minhas mãos.

— Devolve-mo — digo, atirando-me a ela.

— Obrigá-me — respondeu Tonya.

Ela baixa-se de repente, empurra os outros miúdos e dança pela rua abaixo. As suas duas amigas seguem-na.

Corro atrás delas.

Sei o que devia fazer. Devia ligar à polícia.

Mas não tenho tempo para telefonemas.

Dentro daquele pacote está uma coisa muito rara e preciosa e que eu acho que vai fazer o Felix muito feliz, e eu quero-a de volta agora.

— **Agora** — afirmo. — Dá-me já essa encomenda.

A Tonya parou na margem do rio. Está debaixo das árvores, a arfar.

Eu também estou a arfar. E todos os miúdos que nos seguiram também estão. Ninguém consegue correr para muito longe com este calor, não com as mochilas às costas, nem mesmo os que andam no nono ano.

— Zelda, a contadora de histórias — troça a Tonya. — A tentar impressionar toda a gente da sua nova escola, gabando-se da sua família. Patético.

— Dá-me isso — volto a dizer.

— Só se admitires que és uma mentirosa — diz a Tonya muito alto, para todos os outros miúdos poderem ouvir. — Dou-te a porcaria de presente da porcaria do teu avô se diseres que és uma mentirosa.

Não vou dizê-lo, porque não sou.

Tenho uma ideia. Tiro o meu telemóvel da mochila e procuro a mensagem que a mãe me enviou há uns dias, sobre o tempo em Darfur ser ainda mais quente do que na Austrália.

Dou um passo em direção à Tonya, mostrando-lhe o telemóvel.

— Isto veio de África — digo-lhe. — É da clínica onde os meus pais trabalham. Eles ajudam crianças feridas. São voluntários. Ninguém os obrigou.

Uma das amigas *bullies* da Tonya agarra no telemóvel e espreita a mensagem.

— É capaz de ser verdade — diz ela à Tonya. — Se ela fosse minha filha, eu também fugia para África.

Apetece-me dizer-lhe que os pais não fugiram. É porque são tão bondosos e solidários e gentis que não puderam deixar de ir. Mas não digo nada, porque pode parecer que estou outra vez a gabar-me.

A Tonya olha à volta. Percebe que já não tem muito público. Levanta a mão e, durante um segundo horrível, acho que ela vai atirar o presente do Felix para o rio.

Mas não atira, provavelmente porque, com este calor, também não há água no rio.

Atira o pacote para perto dos meus pés.

Mas, antes que eu possa apanhá-lo, uma das suas amigas *bullies* agarra-me pelo pescoço. Pela milésima vez na vida, desejo ter uma irmã mais velha. Mas não tenho. Não culpo os pais por isso. Estão demasiado ocupados para terem mais filhos.

— É a nossa vez — diz a miúda à Tonya.

Por um momento, parece que a Tonya vai dizer-lhes que me deixem em paz. Mas, depois, só encolhe os ombros.

A miúda aperta-me mais o pescoço e sibila-me ao ouvido.

— Queremos mais provas — diz ela. — Se o teu vovô velhadas é um médico genial, prova-o.

Não sei o que dizer. O Felix é um médico genial, mas como podemos provar o que quer que seja se estamos com o pescoço preso no sovaco de alguém? Não posso simplesmente estalar os dedos e fazer aparecer um dos antigos pacientes do Felix e mostrar-lhes o incrível trabalho que o Felix fez na bexiga dele.

Preciso de tempo para pensar, por isso tento que elas continuem a falar.

— Para começar — digo-lhes —, ele não se chama vovô velhadas.

E, de seguida, vou explicar-lhe que ele também não se chama avozinho, nem sequer avô. Quando o Felix era criança e tinha de se esconder dos nazis, durante a Segunda Guerra Mundial, teve de usar um nome falso, e por isso agora prefere que as pessoas o tratem pelo seu nome verdadeiro sempre que possível.

Mas, antes que eu possa dizer seja o que for, a miúda que me está a agarrar o pescoço vê o pendente em forma de coração que tenho pendurado e aperta o fio com força.

Entro em pânico.

Aconteça o que acontecer, não posso perder aquele pendente. É a coisa mais preciosa que o Felix tem e nem sequer sabe que ando com ele.

— Larga isso — digo-lhe.

— Porquê? — pergunta ela. — É do teu namorado?

A outra miúda ri-se.

— Pertencia a uma criança — respondo-lhe. — Que foi assassinada.

A miúda que está a agarrar-me pestaneja.

— Por *bullies* — acrescento.

Encaro-as de olhos muito abertos para que percebam que estou a dizer a verdade. Sim, aconteceu em 1942, mas é verdade à mesma.

— Tens razão, Tonya — disse a outra rapariga. — Ela é mesmo mentirosa.

— Sem dúvida — diz a que me agarra. Arranca o pendente do fio.

Empurro-a para longe. Quero gritar, mas quando vejo o que a outra tem na mão, fico sem voz.

É uma coisa pequena e castanha e peluda. Um ratinho morto. Pobre bicho, deve ter morrido de calor.

Vejo horrorizada que as duas enfiam o pendente na boca do rato. Depois, uma delas agarra num pau e usa-o para empurrar o pendente para dentro da garganta do rato.

— Não — gemo.

Atiram o rato aos meus pés. Vejo o formato do pendente sobressair na barriga do ratinho.

— Não te preocupes, pequenota — diz a miúda que tem o pau na mão. — Se o vovô velhadas é um médico genial, ele saberá o que fazer.

A Tonya aproxima-se e dá-lhe um encontrão.

— Au — queixa-se a outra. — Para que foi isso?

— Vocês são umas idiotas que vão sempre longe de mais — responde a Tonya.

— Tu é que começaste — diz a terceira.

— Usem os miolos — diz a Tonya. — Estamos a tentar mostrar às pessoas que há uma mentirosa nojenta à solta. Mas não vão ouvir-nos se vocês lhes meterem nojo.

Vão-se embora as três a discutir. Os outros miúdos que ainda estavam por ali também se vão embora. Não os condeno. Também gostava de poder ir para casa.

Mas não posso.

Não sem levar o pendente.

O Felix guardou-o como um tesouro durante 70 anos. Pertenceu à sua melhor amiga de quando ele era criança. Ela chamava-se Zelda e foi morta pelos nazis. O pai diz que era a menina de 6 anos mais corajosa que já viveu ao cimo da Terra.

Pego no ratinho com cuidado e ponho-o em cima de uma pedra. Abro a mochila e tiro a minha tesoura dos trabalhos manuais.

Só vai ser preciso fazer um corte.

Pego na tesoura como se fosse uma faca. Digo a mim própria que é igualzinho a cortar a carne ao jantar. Mas não é. A carne do jantar não tem uns bigodes pequeninos nem pelo castanho.

Não consigo fazê-lo.

Alguém pega na minha tesoura.

Olho para cima, espantada.

É um rapaz.

A princípio, não o reconheço, mas depois sim. É da minha turma. Não me lembro de como se chama, mas lembro-me da sua cara simpática. Anda no clube de ciências e, por vezes, quando respira, faz um som arquejante.

O miúdo corta a barriga do ratinho. O sangue escorre, e também uns intestinos pequeninos.

Sinto-me com calores e tonta e agoniada.

Fecho os olhos.

Quando os volto a abrir, o rapaz está agachado ao pé da torneira, na zona dos piqueniques. Volta para junto de mim e dá-me o pendente e a tesoura limpos e molhados.

— Obrigada — murmuro.

Também me dá o telemóvel. As *bullies* devem tê-lo largado.

— Obrigada — digo outra vez.

— Estás bem? — pergunta.

Aceno.

O rapaz olha para mim com ar preocupado. Tenho a sensação de que ele me quer dizer qualquer coisa, mas ele só arfa por uns segundos e depois vai-se embora.

Espero até me passarem as tonturas. Depois escavo um pequeno buraco com a tesoura e enterro o ratinho.

— Lamento — murmuro.

Não choro. Não foi assim tão mau. O *bullying* pode ser bastante pior do que isto. Só tive de conseguir sobreviver durante meia hora a três miúdas do nono ano. O pobre Felix sofreu *bullying* do exército nazi durante quase toda a sua infância.

Examino o pendente. A cor dourada está baça e desmaiaida, mas já era assim antes. Não há nenhum estrago, o que é um alívio. Ainda conseguimos ver as letras F e Z gravadas lá dentro.

O elo que liga o pendente ao fio abriu-se, mas foi só isso. Prendo o pendente no elo e fecho-o com os dentes.

Volto a lembrar-me do presente de aniversário do Felix. Pego na encomenda. Também não está estragada, o que também é um alívio.

Sento-me à beira do rio por um momento, sentindo-me triste.

Triste pelo ratinho e triste por mim.

Há uma coisa que eu não disse aos colegas da minha nova turma. Quando for grande, também quero ser médica, como a mãe e o pai e o Felix. Para poder ajudar pessoas que tenham sido atingidas pela crueldade da doença ou pela crueldade de outras pessoas.

Às vezes, para tratarmos de pessoas, temos de ser corajosos. Temos de as cortar e abrir. O Felix fê-lo montes de vezes.

Esperava também poder fazê-lo, um dia. Esperava poder ser corajosa e destemida como era a Zelda, amiga do Felix.

Acho que foi por isso que os pais me deram o nome dela. Acho que esperavam que alguma da sua bravura passasse para mim.

É por isso que eu secretamente ando com o pendente dela. Para ver se passava.

Mas não passou.

Nunca serei como a verdadeira Zelda.

E nunca serei médica. Nem sequer tenho coragem de cortar e abrir um ratinho morto. Como poderia ajudar uma pessoa doente?



Livros que te surpreendem pela história,
que te atraem pela imagem,
que te conquistam pela mensagem,
que se distinguem como estrelas brilhantes.

LIVROS QUE FICAM PARA SEMPRE CONTIGO



**«Agora não há aviões no horizonte.
Só fogo, tão alto quanto conseguimos observar.
E vem na nossa direção.»**

Felix, um órfão judeu, polaco, que sobreviveu aos horrores da Segunda Guerra Mundial, tem 80 anos. A vida na Austrália, como refugiado de guerra, permitiu-lhe constituir família e estudar medicina, mas as lembranças do passado continuam presentes e são dolorosas.

Felix acolhe temporariamente a neta Zelda, de 12 anos, porque os pais estão numa missão de ajuda humanitária. Esta é uma boa oportunidade para ela conhecer melhor o avô, que continua a receber homenagens pelos atos heroicos que praticou.

Até que os acontecimentos se precipitam e também ela terá de estar à altura. Quase tão mau como um cenário de guerra, é um cenário de incêndio de grandes proporções, incontrolável, sobretudo quando as temperaturas são muito elevadas.

O mundo mudou, o clima está a mudar, mas há coisas que não mudam. Há que saber lidar com os desafios que surgem: violência, exclusão, injustiça, desastres naturais, perigo de vida e... arrependimento. Não somos os mesmos depois de vivermos situações tão difíceis.

**Mais um livro sobre a vida incrível de Felix.
Emocionante, comovente, positivo e inspirador.**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Juvenil



ISBN 9789895648252



9 789895 648252 >